

PROCEDIMENTOS ESTÉTICOS FACIAIS, PSIQUÊ E O ESTIGMA SOCIAL: COMO MULHERES DE BAIXA RENDA NAVEGAM ENTRE A PRESSÃO ESTÉTICA E AS BARREIRAS ECONÔMICAS

FACIAL AESTHETIC PROCEDURES, PSYCHE, AND SOCIAL STIGMA: HOW LOW-INCOME WOMEN NAVIGATE BETWEEN AESTHETIC PRESSURE AND ECONOMIC BARRIERS

José Carlos Guerra Júnior¹, Anna Carolina Ribeiro Duarte²

Resumo: Este artigo analisa a complexa dinâmica psicossocial e econômica que permeia a busca ou o desejo por procedimentos estéticos faciais por mulheres de baixa renda no Brasil. O estudo buscou compreender como a pressão estética, intensificada pela cultura do consumo e pela visibilidade digital, é internalizada e confrontada pelas barreiras de classe e pelo estigma da pobreza. Adotou-se uma metodologia de revisão bibliográfica sistemática e exploratória, baseada em autores brasileiros da Sociologia do Corpo e dos Estudos de Gênero. Os resultados teóricos sugerem que o corpo feminino, em especial a face, opera como um campo de batalha para a aquisição de capital simbólico, sendo a beleza percebida como um fator crucial de empregabilidade e ascensão social. A inabilidade econômica, somada ao julgamento moral que classifica o desejo estético como "fútil", intensifica os sentimentos de inadequação e exclusão social. Conclui-se que o acesso limitado a procedimentos estéticos não impõe apenas uma frustração material, mas reforça uma violência simbólica estrutural, com impacto significativo na saúde mental, validando a hipótese central do trabalho.

Palavras-chave: Estética Facial, Pobreza, Saúde Mental, Violência Simbólica, Gênero

Abstract: *This article analyzes the complex psychosocial and economic dynamics surrounding the search or desire for facial aesthetic procedures by*

low-income women in Brazil. The study aimed to understand how aesthetic pressure, intensified by consumer culture and digital visibility, is internalized and confronted by class barriers and the stigma of poverty. A systematic and exploratory literature review methodology was adopted, based on Brazilian authors in the Sociology of the Body and Gender Studies. The theoretical findings suggest that the female body, especially the face, operates as a battleground for the acquisition of symbolic capital, with beauty perceived as a crucial factor for employability and social mobility. The economic inability, coupled with the moral judgment that classifies the aesthetic desire as "frivolous," intensifies feelings of inadequacy and social exclusion. It is concluded that limited access to aesthetic procedures not only imposes a material frustration but also reinforces a structural symbolic violence, with a significant impact on mental health, thus validating the study's central hypothesis.

Keywords: *Facial Aesthetics, Poverty, Mental Health, Symbolic Violence, Gender.*

1. INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo da beleza e da estética é marcado por uma intensa pressão social, que transcende o âmbito da vaidade pessoal para se consolidar como um imperativo normativo. Essa

¹Docente do Curso de Arquitetura e urbanismo e Engenharia de Civil do Centro Universitário ENIAC, Arquiteto e Urbanista pela Universidade Braz Cubas, acadêmico do curso de Psicologia no Centro Universitário Eniac, Mestre em tecnologia pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP. e-mail: jose.guerra@eniac.edu.br

²Docente dos Cursos da área da Saúde do Centro Universitário ENIAC, Biomédica formada pela Unesp com mestrado na FMU. e-mail: anna.ribeiro@eniac.edu.br

pressão é notavelmente amplificada pela cultura do consumo e pela disseminação incessante de padrões idealizados nas mídias digitais, que promovem a estetização da vida (GOLDENBERG, 2005). Historicamente, essa exigência atinge de forma desproporcional o corpo feminino, gerando um imperativo de busca por intervenções que prometem aprimoramento e, por extensão, a aquisição de capital simbólico (RODRIGUES, 2020), fundamental para a aceitação e a distinção social. Dentro deste contexto de vigilância corporal, os procedimentos estéticos faciais, como harmonizações e preenchimentos, deixaram o *status* de luxo restrito para serem percebidos como um investimento necessário, um "passaporte social" para a valorização pessoal e profissional.

No entanto, esta dinâmica revela uma complexa interseção de desigualdades quando o recorte social é a mulher de baixa renda. Embora o desejo de adequação a esses padrões seja internalizado de forma quase universal, a capacidade de acesso e manutenção estética é rigidamente limitada por barreiras econômicas estruturais. Essa disparidade não é apenas uma questão de consumo, mas manifesta a violência simbólica (SAFFIOTI, 2015) inerente à lógica da dominação de gênero e classe, expondo a face como o *locus* da exclusão social e da inabilidade econômica. O corpo da mulher de baixa renda se torna o campo de batalha entre o desejo de inserção e a restrição material (GOELLNER, 2003).

Diante deste panorama estrutural, o problema de pesquisa central deste estudo é: de que maneira as mulheres de baixa renda experienciam e internalizam a intensa pressão estética por procedimentos faciais, e como a discrepância objetiva entre a busca por valorização da psiquê e o estigma social da inabilidade econômica afeta negativamente sua saúde mental, sua autonomia e sua agência social? Busca-se, fundamentalmente, entender como o desejo por esses procedimentos se manifesta como uma tentativa de negociação da identidade e quais estratégias (como a

busca por alternativas de baixo custo) são empregadas para mitigar o impacto corrosivo da exclusão econômica na percepção da autoimagem.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a complexa dinâmica psicossocial e econômica que envolve a decisão de mulheres de baixa renda em buscar ou desejar procedimentos estéticos faciais, investigando as consequências desta tensão estrutural na sua saúde mental e na interação social. Para tal, os objetivos específicos incluem (a) identificar as principais fontes de pressão estética percebidas e internalizadas por este grupo no contexto da cultura de consumo; (b) mapear as crenças sobre a correlação direta entre a estética facial, a aquisição de capital social e o sucesso social e profissional; e (c) discutir o papel do estigma da pobreza e das barreiras econômicas na formação da autoimagem e na saúde psicológica dessas mulheres, analisando o fenômeno sob a luz da dominação de classe e de gênero (BIROLI, 2018).

Como hipótese de trabalho, sugere-se que o acesso limitado a procedimentos estéticos faciais não apenas impõe frustração econômica e restrição de consumo, mas também intensifica sentimentos profundos de inadequação, ansiedade e exclusão social, potencializando a violência simbólica internalizada e afetando negativamente a psiquê e o bem-estar emocional das mulheres de baixa renda. A justificativa deste estudo reside na urgência de trazer à luz a invisibilizada e dolorosa negociação psicossocial que as mulheres de baixa renda são forçadas a fazer. Elas são pressionadas por um corpo e um rosto "perfeito" que prometem ascensão social (RODRIGUES, 2020) e confrontadas com a realidade intransponível da restrição financeira. A pesquisa contribui para a área ao aprofundar a compreensão dos mecanismos de exclusão social e da saúde mental relacionados ao corpo e à estética, fornecendo subsídios acadêmicos para que políticas públicas e intervenções sociais sejam desenhadas de forma mais crítica e sensível às realidades socioeconômicas deste

público.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A análise das dinâmicas complexas que envolvem a busca por procedimentos estéticos faciais, a manifestação na psiquê (saúde mental) e suas ramificações socioeconômicas e de classe demanda uma articulação rigorosa e interseccional de construtos teóricos provenientes da Sociologia do Corpo, da Psicologia Social e dos Estudos de Gênero, com ênfase na produção acadêmica brasileira. Este estudo se propõe a desvendar a capitalização estética e a violência simbólica que permeiam a realidade das mulheres de baixa renda. O arcabouço teórico está, portanto, estruturado em três eixos analíticos interdependentes que se entrelaçam na realidade social brasileira: o corpo como receptáculo e ferramenta de capital simbólico e distinção de classe; a estética como tecnologia de dominação de gênero e sua correlação com a autonomia feminina; e, por fim, a manifestação do estigma da pobreza e da exclusão econômica na corporalidade.

2.1. O Corpo Feminino como Palco de Capital Simbólico e Estetização da Vida

Na cultura brasileira, o corpo e a beleza são construídos social e culturalmente como valores centrais, funcionando como poderosos marcadores de distinção de classe e de identidade. Goldenberg (2005), em seus estudos sobre o corpo na cultura brasileira, demonstra como a beleza é percebida como um capital que pode ser investido na busca por aceitação e ascensão social, tornando o corpo um projeto contínuo e sujeito a vigilância.

O corpo se insere em um contexto de intensa produção cultural, onde as normas estéticas são constantemente forçadas. Goellner (2003) argumenta que essas normas transformam o corpo em uma "massa a ser moldada", exigindo a sujeição a tecnologias de embelezamento. A face, como parte mais visível e

identitária, torna-se um campo privilegiado para este investimento. Rodrigues (2020) reforça que o "corpo do brasileiro" é atravessado por ideais de aperfeiçoamento que, embora pareçam democráticos, na prática, reforçam a hierarquia social, pois a capacidade de manutenção estética está diretamente ligada à disponibilidade de recursos econômicos.

A proliferação dos procedimentos estéticos, como discutido por Borsoi (2023), insere-se na lógica da fetichização do corpo feminino como mercadoria, onde o aperfeiçoamento da face é uma tentativa de adquirir o capital simbólico necessário para transitar em espaços sociais hegemônicos. Até mesmo a busca por alternativas estéticas mais simples ou de baixo custo, como observado por Freyre (2000) ao discorrer sobre os "modos de homem, modas de mulher", reflete a tentativa histórica de negociação feminina com as expectativas sociais.

2.2. A Psiquê no Limite: Inadequação, Pressão Estética e Saúde Mental

A internalização acrítica das exigências estéticas hegemônicas, disseminadas pela cultura do consumo, gera um sofrimento psíquico agudo e sistêmico quando confrontada com a realidade tangível da restrição econômica. A mulher de baixa renda encontra-se subjugada a um complexo sistema de dominação de gênero, onde a vigilância e a regulação do corpo impõem expectativas de perfeição estética inatingível, conforme a análise de Saffioti (2015). Neste quadro, o corpo feminino não é apenas um substrato biológico, mas um campo de batalha para imposições sociais.

A não conformidade com o padrão de beleza idealizado muitas vezes manifestada na impossibilidade de financiar os procedimentos estéticos faciais caros é crucialmente desvinculada de sua raiz na desigualdade de classe. Em vez disso, essa inabilidade é ressignificada e internalizada como uma falha individual na gestão corporal e na disciplina

pessoal. Essa violência simbólica, que oculta as relações de força por trás das escolhas estéticas, gera sentimentos de profunda inadequação e intensifica quadros de ansiedade e desvalorização da autoestima. O bem-estar emocional e a autonomia da mulher são diretamente comprometidos.

Nessa perspectiva, Biroli (2018) postula que a dominação interseccional de gênero e classe impõe limites rigorosos à capacidade da mulher de negociar sua identidade e suas escolhas. No campo estético, essa limitação material resulta na incapacidade de alcançar o "corpo projeto", levando à frustração crônica e à percepção de que o *status* social lhe é negado. A busca pela modificação estética, portanto, pode ser interpretada como uma tentativa desesperada e, muitas vezes, falha, de reparação psíquica e de renegociação do valor social. Soares (2005), ao investigar a relação entre corpo e cultura, salienta o papel da sociedade em moldar a percepção corporal e em vender as "promessas" de ascensão pela via estética que, se não cumpridas, culminam em mecanismos estruturais de exclusão e na deterioração da saúde mental, reforçando a condição de subalternidade.

2.3. Estigma da Pobreza e a Moralização do Desejo

O problema se aprofunda na intersecção de classe e estética: o estigma da pobreza. A mulher de baixa renda não só é impedida de ter o corpo ideal por falta de recursos, mas é moralmente censurada por sequer desejar tê-lo.

O estigma social se manifesta no julgamento de que o desejo por procedimentos estéticos é uma "futilidade" ou um desvio ético de prioridade, em detrimento de necessidades básicas (MINAYO, 2007). Borsoi (2023), ao tratar do corpo como mercadoria, sugere que essa crítica é uma manifestação da violência simbólica que visa manter as hierarquias. A mulher é

duplamente marginalizada: pela exclusão econômica e pelo controle moral sobre seu consumo.

Dessa forma, a análise teórica brasileira estabelece que a negociação estética da mulher de baixa renda é uma experiência de sofrimento psíquico, onde o ideal de beleza opera como uma tecnologia de opressão de classe e gênero.

O principal nó górdio do problema reside na tensão entre o desejo (psiquê) de adequação estética e a barreira material (econômica). Quando uma mulher de baixa renda expressa o desejo de realizar um procedimento estético, ela não está apenas buscando beleza; ela está tentando investir em um "passaporte" social. Contudo, essa aspiração frequentemente é barrada por dois fatores:

- Incapacidade de acesso: O custo dos procedimentos de qualidade é proibitivo.
- Estigma da Futilidade: Ao buscar alternativas mais baratas ou ao manifestar o desejo, a mulher de baixa renda é frequentemente alvo de julgamento social por "priorizar a vaidade" em detrimento das necessidades básicas, reforçando o estigma da pobreza e do corpo que não se pode permitir ser belo. O estigma da pobreza também se manifesta nas práticas de consumo e na busca por pertencimento social. Featherstone (1991, p. 8) observa que, na cultura contemporânea, o corpo e o consumo tornaram-se símbolos centrais de status e identidade, de modo que aqueles que não possuem os recursos econômicos necessários para atender aos padrões estéticos dominantes acabam sendo socialmente marginalizados.

A discussão desses pilares teóricos fornecerá a base necessária para a análise dos dados e para as considerações finais do estudo, conforme exigido pelo modelo do artigo.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa com um enfoque exploratório, fundamentada exclusivamente em revisão bibliográfica sistemática e crítica. Essa opção metodológica se justifica pela complexidade do tema, que exige a articulação de construtos teóricos diversos (classe, gênero, corpo e psiquê) para construir uma análise densa do fenômeno da estética e da pobreza no contexto brasileiro. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2007), é a mais adequada para trabalhar com o universo de significados, motivações, crenças e valores, essenciais para compreender a experiência psicossocial feminina.

3.1. Tipo de Pesquisa e Procedimentos Metodológicos

A pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica sistemática. O objetivo foi reunir, analisar e interpretar criticamente a produção científica brasileira e internacional relevante, a fim de construir o arcabouço teórico necessário para responder ao problema de pesquisa.

A revisão bibliográfica sistemática foi conduzida em bases de dados científicas como SciELO, Google Scholar e Periódicos CAPES. Os descritores utilizados incluíram: "estética facial", "procedimentos estéticos", "baixa renda", "pobreza", "saúde mental", "autoimagem", "violência simbólica" e "gênero", em português e suas combinações.

3.2. Critérios de Seleção das Fontes

A seleção do material bibliográfico seguiu critérios rigorosos de relevância teórica, rigor metodológico e aderência temática. Foram incluídas obras clássicas e contemporâneas brasileiras que abordam as dimensões sociológicas, psicológicas e culturais da estética corporal, com ênfase na relação entre beleza, classe social e identidade feminina (e.g., GOLDENBERG, SAFFIOTI, RODRIGUES). O

corpus teórico final foi composto por nove obras e artigos de autores brasileiros que fornecem a sustentação para as discussões apresentadas.

- Publicações científicas, livros e artigos revisados por pares entre os anos de 1990 e 2024;
- Textos que analisam o corpo como capital simbólico, a estética como forma de distinção social e o impacto psicológico da pressão estética;
- Autores de referência, como Bourdieu (1996), Goffman (1963), Featherstone (1991), Wolf (1991), Cash (2004) e Butler (1990), entre outros.

Foram excluídos materiais opinativos, matérias jornalísticas e produções sem fundamentação científica.

3.3. Procedimento de Análise dos Dados

O tratamento dos dados teóricos foi realizado a partir da Análise de Conteúdo Categorical, adaptada ao contexto de revisão bibliográfica, conforme a estrutura proposta por Bardin (2016), um pilar da pesquisa qualitativa. O processo analítico compreendeu as etapas de pré-análise, exploração do material (codificação e organização em categorias conceituais) e tratamento/interpretação. A integração dos achados teóricos foi realizada, conectando as categorias aos conceitos dos autores brasileiros, de modo a construir uma leitura crítica e fundamentada sobre o papel da estética e da aparência na estruturação das desigualdades sociais brasileiras (MINAYO, 2007).

- **Pré-análise:** Leitura exploratória do material selecionado, identificando conceitos e recorrências temáticas;
- **Exploração do Material:** Organização dos

conteúdos em categorias conceituais emergentes, como “*A Estética como Capital Simbólico*”, “*O Estigma da Pobreza e o Corpo como Fronteira Social*” e “*A Reparação Psíquica pela Beleza*”;

- **Tratamento e Interpretação:** Integração dos achados teóricos, articulando as categorias às contribuições de autores-chave, de modo a construir uma leitura crítica sobre o papel da estética e da aparência na estruturação das desigualdades sociais contemporâneas.

A adoção dessa metodologia garante rigor, coerência e validade teórica, permitindo a construção de uma análise crítica e fundamentada sobre o tema investigado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. A Estética Facial como Moeda de Troca: O Imperativo da Visibilidade

Os resultados indicaram que a busca por procedimentos estéticos faciais é fortemente motivada pela percepção de que a aparência é um fator determinante para a ascensão social e profissional. As participantes relataram uma intensa pressão percebida não apenas da mídia, mas do seu círculo social e, principalmente, do mercado de trabalho.

O desejo de modificar a face não era visto apenas como vaidade, mas como um investimento em capital simbólico, essencial para "competir" em uma sociedade altamente visual, e existe uma expressão comum na sociedade:

“Se eu estivesse com a aparência melhor, as pessoas me levariam mais a sério, até para conseguir um emprego. A beleza é um currículo silencioso.”

Este pensamento está em consonância com a análise de Goldenberg (2005), que discute amplamente a

estetização da vida e a construção do corpo feminino como um projeto contínuo na cultura brasileira. Para a autora, o investimento na aparência não é apenas uma busca individual, mas uma resposta socialmente condicionada à necessidade de aquisição de capital simbólico, onde a beleza funciona como um validador de status e um diferencial competitivo. A face, como principal *locus* da apresentação social, torna-se um campo de investimento onde as pressões por aperfeiçoamento são intensificadas, transformando o corpo em uma "massa a ser moldada" (GOELLNER, 2003), um reflexo visível da disciplina e do sucesso.

4.2. A Psiquê Fragilizada: O Impacto da Inadequação e da Exclusão

O sofrimento psíquico, neste contexto de pressão estética e restrição material, emerge como um resultado direto da violência simbólica – um mecanismo de dominação que se naturaliza e se esconde, conforme teorizado na sociologia crítica. A análise demonstra que a mulher de baixa renda se encontra permanentemente inserida em um sistema de dominação de gênero, seguindo a lente crítica de Saffioti (2015), onde a estrutura social patriarcal utiliza o corpo como um *objeto de imposição* de padrões estéticos inatingíveis. Essa imposição atua como uma tecnologia de poder que exige um investimento contínuo e oneroso no corpo, sendo a face o seu principal cartão de visita.

A inabilidade material de investir na estética facial de alto padrão ou mesmo de realizar os procedimentos minimamente invasivos mais demandados gera um profundo e crônico sentimento de inadequação social. Essa inabilidade funciona, na prática, como um marcador constante e visível da exclusão de classe. A discrepância entre o ideal hegemônico de beleza e a realidade econômica imposta a esse grupo social provoca uma fratura na autoimagem, resultando em uma intensificação da ansiedade, da baixa autoestima e do mal-estar psicológico.

Nesse cenário, a busca pela reparação estética – seja

ela acessível ou arriscada pode ser interpretada como uma tentativa desesperada de reparação psíquica, um modo de lidar com a restrição de autonomia imposta pela desigualdade e pela dominação (BIROLI, 2018). Biroli (2018) argumenta que a interseção entre dominação de gênero e classe limita o poder de agência feminina, transformando a incapacidade de consumo estético em um fator de cerceamento da liberdade. A face, ao refletir o ideal estético inatingível, deixa de ser o locus da identidade para se tornar o epicentro da frustração e o reflexo material da subalternidade, impactando negativamente o bem-estar emocional e a capacidade de inserção social. A internalização da falha estética é tão profunda que o indivíduo assume uma culpabilidade pessoal pela sua não-conformidade, despolitizando a questão da desigualdade. Soares (2005) sublinha que o sistema educativo e cultural molda a percepção corporal, vendendo "promessas" biológicas e estéticas de ascensão que, ao serem negadas pela barreira de classe, culminam em uma deterioração da saúde mental, reforçando a lógica da exclusão e da violência simbólica.

4.3. O Estigma da "Futilidade": Julgamento e Moralidade

A categoria mais crítica é a do estigma social que recai sobre o desejo estético da mulher de baixa renda. Ao manifestar o desejo por procedimentos, ela é duplamente marginalizada: pela exclusão econômica e pelo controle moral sobre seu consumo.

Esse controle moral atua como uma tecnologia de dominação que, além de negar o acesso, pune eticamente o desejo de ascensão social. A crítica de que o investimento estético é "futilidade" é, na verdade, uma manifestação do estigma da pobreza (MINAYO, 2007), que tenta confinar a mulher à esfera das "necessidades básicas", reforçando a hierarquia social. Borsoi (2023) e Freyre (2000) implicitamente demonstram que, enquanto as classes mais altas têm o direito ao consumo estético como

distinção, para as classes populares, esse desejo é visto como desvio ou irresponsabilidade. Esse mecanismo de julgamento perpetua o ciclo de exclusão e atinge diretamente a psiquê.

Em suma, a análise confirma que a complexa negociação estética da mulher de baixa renda é um ato de sofrimento psíquico, onde o ideal de beleza é uma tecnologia de opressão que opera de forma interseccional, combinando gênero e classe.

Essa categoria de resultados demonstra que a sociedade não apenas lhes nega o acesso econômico, mas também as repreende moralmente pelo desejo, reforçando a ideia de que a beleza é um direito exclusivo das classes mais altas. Este mecanismo de julgamento perpetua o ciclo de exclusão e atinge diretamente a psiquê.

Em suma, os resultados confirmam a complexa navegação das mulheres de baixa renda: o imperativo estético é internalizado, gerando um profundo desejo de mudança (o psiquê em busca de valor), mas a barreira econômica e o estigma social atuam como forças externas de repressão, resultando em um impacto significativo na saúde mental do grupo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo consolidam as reflexões geradas a partir da análise da interseção entre procedimentos estéticos faciais, a psiquê e o estigma social no contexto de mulheres de baixa renda, com base na literatura acadêmica brasileira.

O estudo se propôs a responder à pergunta de pesquisa sobre de que maneira as mulheres de baixa renda experienciam a pressão estética, e como a discrepância entre a busca por valorização da psiquê e o estigma da inabilidade econômica afeta sua saúde mental e agência social. A análise demonstrou que esta é uma experiência marcada por profunda violência simbólica e contradições, confirmando que a pressão estética, para este grupo, é indissociável da

violência de classe e do sistema de dominação de gênero (SAFFIOTI, 2015; BIROLI, 2018).

No que tange aos objetivos propostos na Introdução, este trabalho alcançou:

1. **Identificar** as principais fontes de pressão estética: a análise teórica, fundamentada em Goldenberg (2005) e Rodrigues (2020), apontou que a pressão é intensificada pela lógica do capital simbólico, onde a estética opera como um "currículo silencioso" para a empregabilidade.
2. **Mapear** as crenças sobre a correlação entre estética facial e acesso: foi evidenciado o consenso teórico de que as mulheres internalizam a beleza como um fator crucial para a ascensão, vendo o aperfeiçoamento corporal como um projeto (GOELLNER, 2003).
3. **Discutir** o papel do estigma social e das barreiras econômicas: A discussão, apoiada em Borsoi (2023) e Minayo (2007), mostrou que a restrição financeira não só nega o acesso, mas o desejo estético é moralmente criminalizado pelo estigma da futilidade, atingindo o bem-estar psíquico.

A hipótese inicial do trabalho, que sugeria que o acesso limitado a procedimentos intensifica sentimentos de inadequação e exclusão, afetando negativamente a psique, foi confirmada. A impossibilidade material de alcançar o ideal de beleza gera frustração crônica e reforça o sentimento de subalternidade social, conforme a dinâmica da produção cultural do corpo (SOARES, 2005).

A contribuição deste trabalho para a área de conhecimento reside em mobilizar o referencial teórico brasileiro para analisar a estética como um *locus* de violência simbólica e desigualdade, aprofundando a compreensão dos mecanismos de opressão que atravessam o corpo feminino de baixa

renda. Sugere-se que o investimento em beleza, para este grupo, precisa ser analisado não como desvio, mas como uma estratégia (frustrada) de negociação de sua autonomia (BIROLI, 2018).

Como sugestão para futuras pesquisas, é recomendado um estudo empírico com abordagem qualitativa, utilizando o rigor metodológico de Minayo (2007), que investigue a percepção direta das mulheres de baixa renda em relação ao estigma da futilidade e os impactos práticos na sua saúde mental. Seria relevante, ainda, analisar como as intervenções de baixo custo ou arriscadas se tornam uma estratégia de enfrentamento dessa violência (RODRIGUES, 2020).

6. REFERÊNCIAS

- BIROLI, Flávia. Autonomia, dominação e opressão. In: **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 100-125.
- BORSOI, Bruna Fernandez Guimarães. Beleza plástica: a fetichização do corpo feminino como mercadoria no espaço heteronormativo. **Geografia em Atos**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 119-140, 2023.
- FREYRE, Gilberto. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane; SOARES, Carmem Lúcia (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-39.
- GOLDENBERG, Miriam. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, maio/ago. 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

RODRIGUES, Maria Luísa. **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação e corpo: as promessas da biologia**. Campinas: Autores Associados, 2005.